

## Expressão Indígena

Daiara Tukano<sup>1</sup>

Nasci em São Paulo em 1982. Na época, lideranças indígenas de todo o país estavam reunidas no epicentro político da luta pela redemocratização e pela construção de leis que contemplassem a realidade indígena e seus direitos fundamentais como povos originários. Eu era um dos muitos bebês do movimento. Nossos pais saíram de suas aldeias à procura de outra realidade para seus povos.

Os povos indígenas no Brasil, diversos em culturas e linguagens, compartilham até hoje a história comum da colonização e das violências advindas da chegada do Brasil nesta terra: guerras, escravidão, humilhação, proibição das línguas, das práticas e dos saberes, e a imersão forçada na pobreza e na miséria à margem de um país em construção que leva como mote “ordem e progresso”.

Segundo meu tio Ailton Krenak, o que acontecia nesse momento era uma redescoberta do Brasil pelos índios, que nas décadas de 70 e 80 descobriram que, apesar de serem simbolicamente os donos do Brasil, eles não tinham lugar nenhum para viver neste país, e tinham que fazer esse lugar no dia-a-dia. No meio a essa caminhada de nossos povos, acabei nascendo - como muitos outros - na cidade.

---

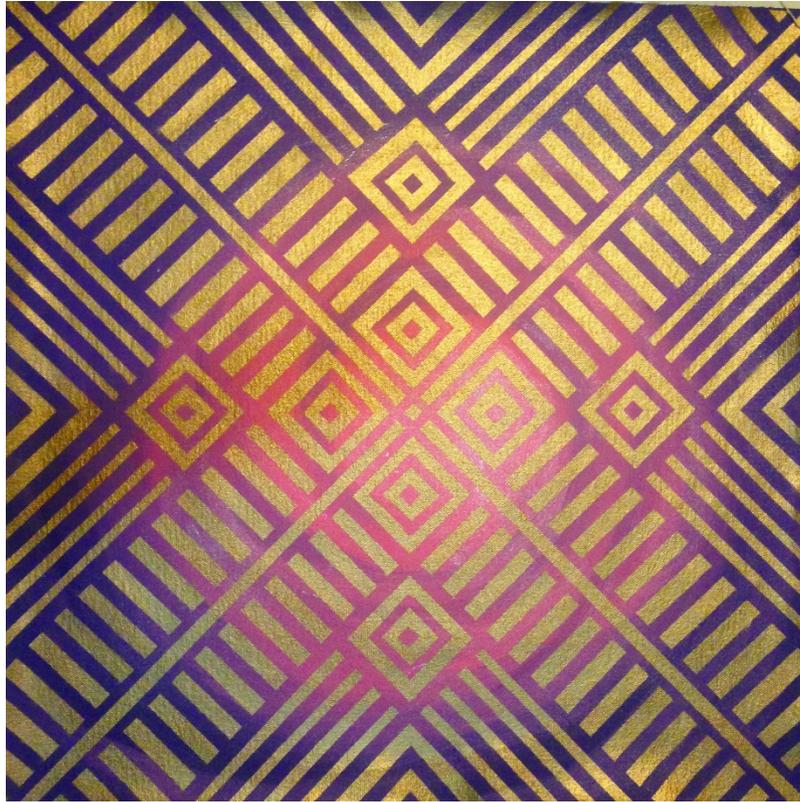
<sup>1</sup> Daiara Tukano é artista plástica, mestranda em Direitos Humanos na Universidade de Brasília e professora na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Trabalha para a Rádio Yandê, a primeira rádio indígena do Brasil, como correspondente política.



Sempre houve indígenas na cidade. A verdade é que as cidades chegaram até nós. O Brasil chegou às terras dos povos do litoral em 1500, e alguns deles ainda resistem até hoje. Hoje São Paulo continua sendo lar de Guranis e Tupinambás, que conhecem as histórias de suas serras. No entanto, as memórias indígenas naquela cidade estão principalmente em seus rios e igarapés transformados em esgoto. Sempre que vou a São Paulo meu coração pesa ao passar ao longo do rio Tietê e ler os nomes tímidos de seus afluentes encanados em corredores de asfalto. Inevitavelmente, toda vez que um indígena pisa nessa cidade se questiona se é isso que a cultura do homem branco veio fazer com nossas terras sagradas: uma selva de pedra com rios envenenados, onde perambulam seres cansados que não conseguem mais ver o céu ou as estrelas, nem enxergar o espírito dos milhões de pessoas que vivem no mesmo formigueiro.

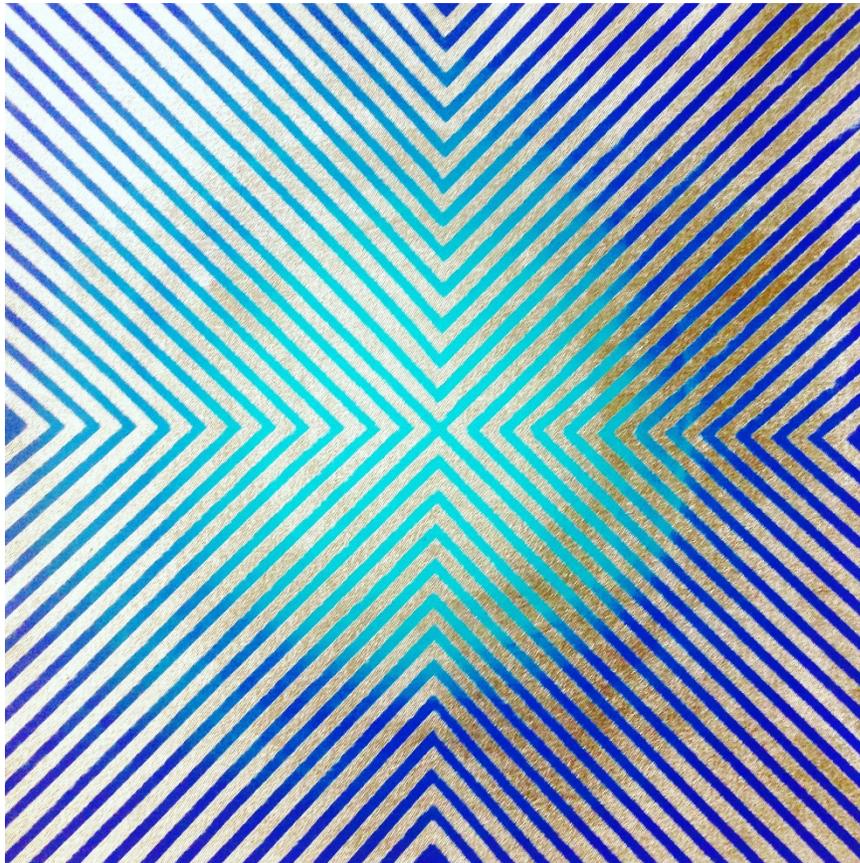
Quando ouço os relatos de meu pai e meus tios de quando pisaram nessa cidade a primeira vez, e como chegaram até lá, perseguidos em seus estados, jurados de morte por fazendeiros e missionários, reconheço algo comum a todos os povos deste

continente. Saí de São Paulo ainda bebê e fui para a aldeia. O povo Tukano vive na fronteira com Colômbia e Venezuela, moramos nos três países. Depois fui morar com minha família materna. Trinta anos depois voltei pela primeira vez a São paulo com meu pai, no meio do movimento indígena. Fomos ao fórum de cultura indígena em São Paulo e pela primeira vez estava de volta em minha cidade natal em meio aos meus primos da mesma idade que eu. Guiados pelos caminhos de nossas famílias, nos reuníamos para continuar a caminhada, equipados com nossas pinturas, cocares e vestes de cada povo. Estávamos juntos marchando na Avenida Paulista, dizendo não à PEC-215, à Agenda Brasil guiada pelos interesses do agronegócio, nos preparando para a COP-21 e celebrando o primeiro colegiado setorial 100% indígena dentro do Ministério da Cultura. Éramos os filhos de 27 anos de constituição cidadã, cientes de nossos direitos, equipados com os tratados internacionais escritos por nossos pais. Andávamos todos juntos. No dia de manifestação na Avenida Paulista, fomos todos a pé e de metrô, cantando, para espanto dos paulistas.. Todos comentavam suas impressões sobre a cidade, imaginando nossos tios chegando lá pela primeira vez. Compartilhávamos do sentimento de parecermos perdidos em meio ao caos.



Em 1980, lideranças indígenas colocaram o Estado Brasileiro no banco dos réus do tribunal Bertrand Russel para responder sobre os crimes cometidos contra os direitos humanos dos povos indígenas, inclusive o genocídio cultural cometido pelas missões religiosas em nossas terras. Na época, a Constituição ainda nos considerava como tutelados incapazes de fazer esse tipo de apelo jurídico dentro do país e muito menos no exterior. Mário Juruna foi impedido de chegar até a instância internacional. Eram os tempos da ditadura, e poucos jovens indígenas conseguiram se esguiar até a ONU, mas meu pai foi um deles. Álvaro Tukano denunciou os salesianos, que proibiram nossa língua, nos batizaram com nomes cristãos, perseguiram nossas lideranças espirituais e nossas práticas culturais. Essa petulância foi castigada com a perseguição de nossa família. Os mesmos missionários, donos das únicas escolas da região, negaram o estudo a meus tios e minhas tias. Boa parte da comunidade ressentida até hoje as consequências da caminhada de poucos pelos direitos de muitos. Ainda hoje, nos

arquivos da ABIN, consta um relatório escrito “indígena aculturado da etnia Tukano foi ao tribunal Bertrand Russel denunciar os salesianos”. Assim eram e continuam sendo chamados os indígenas que lutam por seus direitos dentro do mundo do branco. No entanto, nossa identidade, nossa herança e nossa história é intransferível: somos indígenas onde estivermos, seja na floresta, no campo ou na cidade.



- Daiara Tukano. Brasília, fevereiro 2016.